

## **Chinesices no sertão :** **Um conto de Guimarães Rosa** **« *Poussières d'Asie* » na literatura brasileira**

**D**entre os povos já existentes na Antigüidade que se demonstraram grandes migradores, destacam-se por sua visibilidade nos mais remotos cantos do globo os chineses, os indianos e os gregos. Por isso, chama a atenção sua ausência do Brasil : desses povos nunca nos veio uma imigração volumosa, e nem sequer sistemática.

São Paulo, a maior cidade brasileira, que hoje conta com deza-sseis milhões de habitantes, deve ser uma das raras metrópoles do planeta que não possui uma *Chinatown*. Nossos pouco numerosos chineses ou moram misturados ao restante da população ou preferem acolher-se à Liberdade, bairro dos japoneses : estes constituem nossa grande imigração asiática. Os chineses, em geral, como aliás costumam fazer no mundo inteiro, trabalham nos ramos da restauração, das lavanderias e tinturarias, ou então com importação e exportação. Vindos do mesmo rumo, os coreanos chegaram mais recentemente, nos anos 1980-1990, e substituíram os judeus do distrito do Bom Retiro enquanto residentes e proprietários de pequenas confecções ou lojas de roupas.

Tudo começou com a Abolição da escravatura, em 1888, ou mesmo um pouco antes, com a extinção do tráfico, em 1850. Observou-se então de um lado a conversão e diversificação dos capitais envolvidos no tráfico – em seu conjunto, o maior negócio do país –, provocando uma vaga de desenvolvimento econômico e um incipiente, embora modesto, surto de industrialização. De outro lado, o fim do cativo significou falta de braços para as atividades produtivas, agora realizadas pelo trabalho assalariado. É aí que começa a imigração, conjugada às várias fomes e crises de implantação do capitalismo que a Europa estava atravessando, afinal resultantes no êxodo de cinquenta milhões de pessoas nos cem anos que vão de 1830 a 1930<sup>1</sup>.

O pólo de atração em toda essa fase foi, naturalmente, o Novo Mundo, ou as Américas. Os Estados Unidos são o país que até hoje se destaca como o campeão na acolhida a esses expatriados. Entretanto, 22 % do total, ou

---

1. Z. ALVIM, « Imigrantes : a vida privada dos pobres do campo », in *História da vida privada no Brasil*, Vol. III, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

11 milhões, buscaram a América Latina, dos quais um terço o Brasil (enquanto metade a Argentina e o restante Cuba, Uruguai, México e Chile). Esse é o quadro geral. Em nosso caso, a substituição do braço escravo somada às novas necessidades de mão de obra constituíram um poderoso incentivo para a captação de recém-chegados. A tal ponto que, cinco anos após a Abolição, em 1893, dos empregados na indústria manufatureira em São Paulo, 79 % já são estrangeiros<sup>2</sup>.

E destes, a grande maioria seria sempre a dos italianos. Foram eles os responsáveis pela criação de uma classe operária urbana, pela organização sindical e pela presença política dessa classe. Um papel portanto fundamental na história da sociedade brasileira.

### **Imigração, só há uma, a italiana**

Em conseqüência, aconteceu que no Brasil, afora seus três elementos formadores (índios, portugueses e africanos), a bem dizer houve apenas *uma* imigração, a qual, pelo volume de seu contingente e pelo sucesso de sua contribuição, deixou na sombra todas as outras. Tal viria a ser a colônia italiana.

Entre as demais colônias, deve-se destacar o papel da espanhola, da árabe, da japonesa. Mesmo assim, mal começam a ser estudadas, entre as que atingiram maiores cifras e deixaram alguma marca na face do país. Se os estudos sobre qualquer outro contingente que não seja o italiano são escassos, o que dizer então da literatura? Só sobre os italianos há numerosa obra literária e ensaística, e alguma sobre os alemães, os espanhóis, os árabes, os judeus, bem como filmes sobre os japoneses, que mal começam a esboçar sua saga<sup>3</sup>.

Como se disse, os italianos no Brasil tiveram um destino excepcional. Acabaram por penetrar em todos os setores da vida social e econômica brasileira, a ponto de em poucos anos terem fornecido o maior industrial do país, potentado que deu o seu nome às Indústrias Reunidas F. [Francisco] Matarazzo, razão do título paródico do livro de Oswald de Andrade publicado em 1945, *Poemas reunidos O. de Andrade*. E, caso mais significativo ainda, forneceriam também o maior cafeicultor, Geremia Lunardelli: o que não se podia atribuir ao impulso criativo de um novo setor econômico, a indústria, mas ao contrário implicava numa penetração do velho feudo da classe dominante paulista, a agricultura do café. Tudo isso se passou em São Paulo, onde os italianos se assentaram e se fortificaram num bairro étnico, o Braz. Prova de sua completa assimilação na atualidade é que não mais têm um bastião, sendo hoje o Braz típico do proletariado interno, os migrantes nordestinos.

E foi em São Paulo também que os imigrantes italianos e seus descendentes efetuaram uma feliz coligação histórica, favorecida pela coincidência no tempo com a Semana de Arte Moderna de 1922. Realizada por brasileiros, contou com o patrocínio de brasileiros das lavouras de café (Paulo Prado e Olívia Guedes Penteado enquanto mecenas, Tarsila do Amaral enquanto pintora). Teve – como se pode verificar por seus onomásticos – a participação de italianos e ítalo-brasileiros em sua linha de frente, a exemplo

2. B. FAUSTO, *Trabalho urbano e conflito social*, São Paulo, Difel, 1977.

3. Ver « Forasteiros », in W. Nogueira GALVÃO, *Descoberta*, São Paulo, UFRJ, 1998.

da pintora Anita Malfatti, do escultor Vitor Brecheret e do escritor Menotti del Picchia.

Como assunto, a chegada e adaptação dos peninsulares fez correr rios de tinta modernista. Foram estes paulistas, que sofreram o impacto da infiltração em sua cidade, os primeiros a aí pressentir uma oportunidade para a elaboração literária, e de várias maneiras diferentes.

Até hoje se discute se haveria nos modernistas uma atitude xenófoba ou, ao contrário, um gesto no rumo da aceitação complacente. Ao que tudo indica, numa súmula o resultado seria ambíguo, e em cada escritor também. Eles mesmos não tinham bem certeza e oscilavam entre a avaliação positiva e a negativa. Mas nunca houve uma atitude contrária monolítica, que fizesse do italiano invariavelmente um vilão, como ocorria com a personagem do padre renegado Loredano, cobiçando do país apenas os tesouros, no romance romântico *O guarani* (1857), de José de Alencar.

É preciso lembrar que, conquanto fosse comum encontrar-se nos escritos modernistas um vilão dessa origem, ele não era totalmente antipático ; mas lá está ele, na prosa de Oswald de Andrade, autor do famoso *Manifesto antropófago*. E Mário de Andrade coloca como antagonista de Macunaíma, disputando e roubando-lhe a muiraquitã, talismã presenteado por Ci Mãe do Mato, o gigante Venceslau Pietro Pietra, regatão peruano e *de Florença*. As coordenadas do gigante são uma boa vitrine do processo de « desgeografização » que Mário apregoava. Mas, entre nome, sobrenome, profissão, nacionalidade e proveniência, o que sobressai depois de tudo somado é mesmo o componente italiano.

Entretanto, a nacionalidade dessas personagens de Oswald e de Mário não é decisiva para a trama em que evoluem, ao contrário do que se passa na obra de Antonio de Alcântara Machado, este sim o cronista nunca igualado da novel colônia<sup>4</sup>. Os contos de *Braz, Bexiga e Barra Funda* (1927) tornaram-se um clássico de nossa literatura, além de guardarem, com o quadro social que lhes dá corpo, o raro registro de um « dialeto » hoje desaparecido, o ítalo-paulista. Foi a única corrente imigratória a produzir um dialeto no país.

É curioso verificar como esse linguajar, naturalmente não desencarnado mas saindo da boca de personagens inéditos no tecido urbano de São Paulo, provocou os escritores e os chargistas. Ao que tudo indica, também aqui Oswald de Andrade inova : foi ele o primeiro a escrever com constância uma crônica em português macarrônico<sup>5</sup>, em alguns poucos números da revista *O Pirralho*. Logo passou-a adiante a um outro, que a escreveu por longos anos, tornando-a ponto de referência obrigatório na vida da cidade, na época.

Este outro era Alexandre Marcondes Machado, que criou uma notável personagem chamada Juó Bananere, ilustrada por Voltolino, descendente de italianos que debuxou um conjunto de caricaturas de tipos ítalo-brasileiros, a quem se pode tributar pelo menos em parte o êxito atingido. Juó Bananere comentava a política e os costumes da cidade, não deixando de expor

4. M. CARELLI, *Carcamano e comendadores*, São Paulo, Ática, 1985. R. RICUPERO, « Alcântara Machado : testemunha da imigração », *Revista do Instituto de Estudos Avançados* (São Paulo, Universidade de S. Paulo), VII (18), 1993.

5. V.M. CHALMERS, « A crônica humorística de Oswald de Andrade na revista *O Pirralho* », in K.D. JACKSON (ed.), *One Hundred Years of Invention : Oswald de Andrade and the modern tradition in Latin American literature*, Austin, University of Texas at Austin, 1990.

causticamente sua própria crítica aos brasileiros, tendo portanto um duplo olhar que se dirigia alternadamente para « sua » colônia e para a sociedade inclusiva. Seu nome é um achado, reunindo um prenome comuníssimo no Brasil à *musa paradisiaca* emblemática da nação tropical, tudo isso pronunciado como se o fosse na variante dialetal. Juó Bananere sobreviveu a sua época, para instigar pesquisas e estudos<sup>6</sup>.

A aclimação dos italianos acabou rendendo um humorista excepcional, que se especializou em zombar dos nativos. Aparício Torelli, cujo pseudônimo era Barão de Itararé, pastichava os brasileiros até no nome escolhido, que juntava o título europeu ao topônimo tupi, combinação comum no Império, criando um contraste cômico irresistível. Além do mais, a batalha de Itararé é famosa no Brasil como « a batalha que não houve ». O Barão foi também um grande militante político de esquerda, desses que se tornam reputados por sua tenacidade e coragem, tendo enfrentado a ditadura Vargas em várias ocasiões. Acabou preso, juntamente com Graciliano Ramos, na Ilha Grande (1936-37). Foi assim que veio a ser personagem de *Memórias do cárcere*, onde aparece sob outro pseudônimo, Aporelly, seu nome de batismo telescópado.

#### Até às raias da esquisitice : um chinês

Tendo tudo isso em vista, tanto mais curioso, e raríssimo até às raias da esquisitice, encontrar um conto de Guimarães Rosa, intitulado « Orientação », pondo em cena um chinês<sup>7</sup>.

O que teria ido fazer um chinês no inóspito sertão ? Há notícia deles, poucas e lacunosas, como os trezentos plantadores de chá desenhados por Rugendas, em vários lugares. Mas constituíram, ao que parece, uma grande fantasia que ocupou as cogitações das elites brasileiras na segunda metade do século XIX, quando se tornou urgente substituir o braço escravo pelo braço livre. À época, apontavam-se não só males econômicos e políticos como também males morais causados pela escravidão. Entre esses, destacam-se dois como os mais salientes. O primeiro seria o efeito deletério do cativo dentro de casa para as famílias brancas, como se vê em *O demônio familiar* (1857), peça de teatro de José de Alencar, em que o gracioso moleque se revela um elemento dissolvente da moral doméstica<sup>8</sup>. O segundo aparece no romance *As vítimas-algozes* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo, em que o medo ao escravo se expressa em fantasmagorias de atrocidades cometidas em retaliação<sup>9</sup>.

Uma solução muitas vezes proposta para substituir os africanos foi a importação de chineses, mencionada entre outros por Joaquim Nabuco, paladino da causa da libertação dos africanos, em *O abolicionismo*. Estes

6. C.E. Schmidt CAPELA, *A farsa como método (A produção macarrônica de Juó Bananere nas revistas O pirralho, O Queixoso e A Vespa: 1911-1917)*, tese de doutoramento (mimeo.) (Bélgica, Katholieke Universiteit Leuven), 1996, mimeo.

7. J. Guimarães ROSA, *Tutaméia - Terceiras estórias*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

8. D. de Almeida PRADO, *Teatro de Anchieta a Alencar*, São Paulo, Perspectiva, 1993 ; F. AGUIAR, *A comédia nacional no teatro de José de Alencar*, São Paulo, Ática, 1984 ; J.R. FARIA, *O teatro de Alencar*, São Paulo, Perspectiva, 1987.

9. F. SÜSEKIND, « As vítimas-algozes e o imaginário do medo », *Papéis colados*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.

asiáticos, extraordinariamente copiosos e com a fama de afeitos aos esforços braçais, além disso se dispersavam e se acomodavam pelo mundo todo.

Pelo pouco que se sabe, os escassos chineses aqui arribados escolheram a arena urbana, onde logo se acomodaram na prestação de serviços, especializando-se na lavanderia-tinturaria e no ramo da restauração barata, levando muitos anos para passar, como de fato passaram, a estabelecimentos em outro patamar. Uma marchinha de carnaval dos anos 1930 registrou esse aspecto, na qual se enfatizava o irrisório preço de dez tostões, minúscula moeda há muito fora de circulação, por uma lauta refeição por eles oferecida :

Lá vem o seu china na ponta do pé  
Lig li lig li lig li lé  
Dez 'tões, vinte pratos, banana e café  
Lig li lig li lig li lé

(*Lig-lig-lig-lé*, Paulo Barbosa e Oswaldo Santiago, 1937).

Sabe-se que labutaram na construção de estradas de ferro nos confins do país, onde eram contratados como força bruta capaz de enfrentar as piores condições de trabalho e de insalubridade. Por exemplo, como está documentado, em obras de engenharia em ermos remotos, onde os trabalhadores morriam como moscas. Assim foi na construção da ferrovia Madeira-Mamoré<sup>10</sup>, na Amazônia, concebida no início do século XX em virtude da prosperidade local para dar vazão ao *boom* da borracha : não estando entre os dados a nacionalidade torna-se impossível saber quantos eram de cada uma, havendo uma exceção na tabela dos óbitos, onde se registram sete chineses entre 1907 e 1912. E sobreviveu uma fotografia em que posam quatro deles, clicados pela objetiva de Dana Merrill<sup>11</sup>. E nas estatísticas oficiais sobre imigração em geral no Brasil, após uma infundável lista de diferentes gentílicos, os chineses, supõe-se, entram no cômputo geral sob a rubrica « Outros », tornando impossível saber quantos foram<sup>12</sup>.

Deve-se reconhecer que Guimarães Rosa, não muitas mas algumas vezes, gostava de experimentar a mão delineando perfis exóticos. Assim, o chinês que ora nos ocupa ; um japonês na crônica « Cipango », de *Ave, palavra* (1970) ; índios, em outra crônica do mesmo livro, intitulada « Uns índios, sua fala » e em « Meu tio o iauaretê », um conto longo de *Estas estórias* (1969), possivelmente sua obra-prima e um de seus textos mais difíceis ; um italiano em « O cavalo que bebia cerveja », de *Primeiras estórias* (1962) ; e quatro contos sobre ciganos, em *Tutaméia* (1967), a saber « Faraó e a água do rio », « O outro ou o outro », « Vida ensinada » e « Zingaresca ».

Como amostra dos processos de criação de Guimarães Rosa, especificamente no caso dos ciganos que renderam quatro contos, subsiste nos arquivos do autor uma volumosa documentação em que há listas de

10. Dados sobre a Madeira-Mamoré : custou US\$ 25 milhões ; empregou 60 mil trabalhadores, dos quais 10 mil morreram e 30 mil foram internados por doenças (malária, febre amarela e disenteria). A construção estendeu-se de 1907 a 1912, quando a borracha dos seringais asiáticos inunda o mercado, pondo ponto final à prosperidade amazônica. A estrada, logo abandonada, tinha 366 km de extensão. Fonte : O Estado de S. Paulo, « Nosso tempo - A cobertura jornalística do século », São Paulo, 1995.

11. F. Foot HARDMAN, *Trem fantasma - A modernidade na selva*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988 : 142 e reproduções fotográficas entre pp. 96 e 97. Ver também, para uma versão romanceada, M. SOUZA, *Mad Maria*, São Paulo, Civilização Brasileira, 1983. [2ª ed.]

12. Z. ALVIM, *op. cit.*

palavras e locuções, recortes de jornal, catálogos de nomes próprios, notas sobre acampamentos, apontamentos sobre presença em outros países, trechos de trabalhos alheios, contactos pessoais ao vivo, e até aproveitamento de consultas a dicionário de romani. Segundo uma testemunha, Guimarães Rosa pelo menos uma vez os hospedou no porão e quintal de sua casa, em Itaguara, no interior de Minas Gerais<sup>13</sup>.

Nesses textos percebe-se como Guimarães Rosa é atento à diferença, que aprecia e na qual se rejubila, diferença que para ele se flagra sobretudo na linguagem – de que era grande observador e experimentador – e na expressão corporal, melhor chamada de « *body language* » em inglês.

Além de retratar forasteiros em sua ficção, como por exemplo o turco São Assis Wababa e o alemão Vupes em *Grande sertão : veredas* (1956), vai pôr na boca de Riobaldo, seu narrador-protagonista e arguto delineador de diferenças, a seguinte frase : « Toda vida gostei demais de estrangeiro ». Tudo isso, e mais alguma coisa, vai aflorar no conto « Orientação », de que passo a tratar.

#### « Orientação »

Começemos pelo começo, ou seja, pelo título : que chama a atenção para o Oriente, embora, como veremos, se desdobre em sua polissemia.

Em seguida, vale uma pausa o nome da personagem central, aquele chinês que, não se sabe como, foi parar no sertão. Seu nome é Yao Tsing-Lao. Portanto, consequência lógica, naturalizado como Yao Tsing > Joaquim. Daí o hipocorístico Quim. Este último vem a ser uma leitura descompromissada e relaxada de um dos mais ilustres e polivalentes monossílabos chineses, o qual fornece o étimo da designação da nacionalidade nas línguas ocidentais a partir do latim. O monossílabo tanto nomeia um dos livros-chave dessa civilização, o I Ching ou I Qing, quanto a prosápia de uma dinastia, seja a Ch'in pré-cristã, seja a última a existir, a Ching. Além de ter a vantagem de ser homófono e homógrafo, mesmo que imperfeito em ambos os casos, de *chim*, forma abreviada de « chinês ». O nome de Quim, alternado com o gentílico chim (o « Quim chim »), vai comandar um sem-número de arranjos e permutações verbais, como veremos.

A estrutura deste conto minimalista é a de uma estória de amor repousando sobre uma relação de oposição entre o chinês e a sertaneja, a tal ponto que se poderia dizer que ele é o protagonista e ela a antagonista. A caracterização dele enquanto personagem tem como traço principal encarnar uma antiga civilização, enquanto ela é incivilizada. Os demais traços a delinearem o perfil dele mostram-no como trabalhador, competente, sério, discreto e taciturno sem ser tristonho (era « sério sorrisoteiro »). Os primeiros parágrafos tratam só do chinês, e vão montando uma crônica de diligência, honestidade e operosidade. Na crônica, aquele que fora um vagabundo pé-rapado entabula uma carreira que vai de cozinheiro a administrador e proprietário, isto é, de Yao Tsing-Lao a Joaquim, Quim e Seô Quim, este já respeitável dono de chácara.

13. Dossiê estudado por Kátia Bueno Romanelli em « Faraó e a água do rio », *Revista do Instituto de Estudos brasileiros* (São Paulo, Univ. de S.P.) 41, 1996 ; e em A « álgebra mágica » na construção dos textos de Tutaméia, de João Guimarães Rosa, tese de doutoramento (mimeo.), São Paulo, USP, 1996 : 97 a 124 e 232 a 246.

Ela, ao contrário, fala muito e incoerentemente (é « respondedora »), como o mostra sua reação, a certa altura das peripécias, quando declara ao mesmo tempo não ser « nenhuma mulher da vida » mas tampouco uma « santa de se pôr em altar », extorquindo do narrador o comentário : « De sínteses não cuidava ». Além do mais, desengonçada e feia, não apenas feia mas superlativamente feia, « de se ter pena de seu espelho ». Amada por Quim, transfigura-se : embeleza-se por artes do olhar do amante, adquirindo requintes de porcelana e de marfim. Tornando-se ela enfim « um angu grosso em fôrma de pudim ». Rita Rôla, Rita a Rola ou Rola-a-Rita assimila-se a Lola-a-Lita, ou Lolalita, Lola ou Lita, Lola Lita – como Quim pronunciava erradamente (« silabava ») seu nome, substituindo por proximidade sonora o fonema inexistente em sua língua de origem.

Vistos de fora pelo narrador, os dois constituem um par incongruente, « parecidos como uma rapadura e uma escada » (ou um espeto e um ovo, como se diz mais correntemente), a pleora de *aa* nos dois substantivos não suprindo o fosso entre ambos. A incompatibilidade surge na metáfora lingüística que os declara, enquanto par, « til no i, pingo no a » (em português, o til vai sobre o a, assim como, em qualquer língua, o pingo sobre o i – e ainda se brinca com a frase-feita « pôr os pingos nos ii ») ou seja, algo inexistente e absurdo, embora expresso lingüisticamente mediante dois oxímoros quiasmáticos, sendo o oxímoro, como se sabe, uma figura retórica definida pela aproximação violenta de contrários.

O desentendimento entre ambos, acarretando o fim do matrimônio e a partida de Quim, é atribuído a várias causas pouco definidas. Talvez a um excesso de diferença, o mesmo fator que de início os atraía mutuamente. A mão leve do autor deixa entrever que Quim transferia a ela coisas de sua cultura (« ensinava-lhe liqueliques, refinices – que piqueniques e jardins são das mais necessárias invenções ? »). E que ela se apegava ao etnocentrismo, negador da humanidade ao rés-do-chão a que pertence a civilização de Quim : ela « achava que o que há de mais humano é a gente se sentar numa cadeira ». E o acoima de « pagão ».

Após a partida de Quim, que não a contesta e abre mão de tudo em seu favor, até da chácara, Rita começa a mudar. « Nele não falava ; muito demais ». Perguntou pelo rumo da terra do Quim. A exemplo dele, deixou de ser loquaz e passou a rir calada. E chorava, « num manso não se queixar sem fim ». Sua pele começa a adquirir tons de açafrão. Lamenta não ter tido um filho, a síntese impossível. E coroa a metamorfose, visível do exterior mas pressupondo algo interior, sua expressão corporal que se altera para se assemelhar à de Quim : mãos espalmadas no peito e o feitio de andar « com passo enfeitadinho, emendado, reto, proprinhos pé e pé ». Culmina aí o processo de orientalização, ou seja, de aculturação às avessas : em vez de ser Quim quem se adapte ao sertão, é ela quem se adapta, através dele, à China distante.

### Chinesices lingüísticas

Olhemos mais de perto o trabalho com a linguagem que permite essas leituras do conto. Este autor se destaca por ser, dentre os de língua portuguesa, aquele que mais longe levou o risco da experimentação lingüística. Em sua obra observam-se certas tendências predominantes na elaboração da

linguagem. Uma delas é a luta contra o lugar-comum, o clichê, que o faz optar, seja na área vocabular ou na sintática, por duas soluções : 1) recuperar o vocábulo perempto, que caiu em desuso, ou aquele que só tem circulação limitada, por exemplo no sertão, por ser um regionalismo, de uso geográfico circunscrito ou restrito. A lembrar que, não só no Brasil mas sensivelmente neste país, ambos podem coincidir. É no sertão, protegido das imigrações e da modernização, que os arcaísmos são mais freqüentes. Ali a língua foi preservada, não propriamente em sua utópica pureza, mas num certo patamar histórico ; 2) inovar mediante a criação de neologismos, ou porque o pré-existente não satisfaz ou como manifestação de um espírito lúdico que se apropria do direito de brincar com sons e sinais.

Então, para uma abordagem preliminar do curtíssimo conto « Orientação », temos como instrumento esses dois dados da obra : 1) O recurso ao vocábulo arcaico ou regional ; exemplo : (en)*xacoca* = desengonçada, desajeitada. 2) O recurso ao neologismo ; exemplo : *felizquim* = diminutivo de feliz, por analogia com outros diminutivos da língua, apelando para o morfema diminutivo coloquial *-im* ; mas ao mesmo tempo um *mot-valise*, de *feliz* + *Quim*, nome próprio do protagonista, a quem se aplica o adjetivo.

### **Felizquim**

No caso específico deste conto, o tratamento vocabular implica em mais outras opções. « Orientação » por assim dizer orientaliza, ou chinesa, a narrativa, entretecendo-a 1) de palavras e sintagmas que evoquem coisas chinesas ou até japonesas, como *leque, salamaleque, liqueliques, cabaia, zumbaia, quimão, rabicho, sol-nascente, bambus, porcelana, marfim, pólvora, bússola, dragão, mandarim, zumbaia, arroz, mesuras sem cura* ; 2) de sons que ressoem a matriz fônica constituída pelo par do nome do protagonista e de seu gentílico : o Quim chim.

Começando, é claro, pela epígrafe :

- *Uê, ocê é o chim ?*
- *Sou, sim, o chim sou.*
- (*O cule cão*)

que constitui, praticamente, um travalínguas, um jogo sonoro entre a fricativa /ch/ e a sibilante /s/. A referência – apócrifa, evidentemente, como aliás todas as demais epígrafes deste livro – está explorando o aportuguesamento das palavras *coolie* (ínfimo trabalhador) e *Khan* (chefe, comandante), aqui erigidas em oxímoro, expressando de saída uma incompatibilidade. Sem esquecer que a maioria dos derivados do nome do país se escreve com *s* e não com *c*, pois vêm do latim *Sina*, como se verá no emprego do vocábulo dicionarizado *sínico* = adjetivo gentílico de China. Este indica algo feito com a sutileza e a finura de um chinês (e não com a falta de vergonha de um cão, como em grego seu modelo fonético e morfológico, seu homófono perfeito e imperfeito homógrafo, *cínico*).

Dentre as impregnações dos sons de Quim chim temos : fulano-da-china (neologismo construído por analogia com o lugar-comum negócio-da-China), Tsing, chinês, chinfrim, china, chino, felizquim, quimão, « Sim, sim, sei. », o clique t's, t's, t's, o citado sínico. Acrescentem-se todas as aliterações e todos os ecos em *-im*.

A vasta campanha empreendida contra os lugares-comuns ou clichês, que são um traço distintivo da obra de Guimarães Rosa, começa pelos vocábulos isolados e termina por frases completas.

Entre os muito simples, aparecem o adjetivo *formigo*, por mera troca do morfema do feminino do substantivo « formiga » para o masculino ; ou *bizarrrir*, contração do verbo *bizarriar* ; ou *façatez*, por supressão do prefixo privativo *-des*. Nada disso existe em português.

Passemos aos mais complexos, mas também de fácil decifração, não os havendo mais difíceis neste conto : *lunático-de-mel*, em que as palavras existem, mas não nessa combinação e muito menos como adjetivo de « lua-de-mel » ; *pazpalhaço*, *mot-valise* baseado na paronomásia entre « paspalho », « palhaço » e « paz » ; *coisinhiquices*, derivando de « coisa » um primeiro diminutivo « coisinha » e um segundo diminutivo « coisinhica », para depois construir um substantivo abstrato com o morfema de generalidade *-ices* ; *esquisitâncias*, montando um substantivo abstrato a partir do adjetivo « esquisito », por analogia com outra terminação substantival *-âncias*, quando o normal é « esquisitice ». E assim por diante.

No caso das frases-feitas, cabe menção a três : *sua pólvora bem inventada* (por ser a pólvora uma invenção reconhecidamente chinesa, contaminada pela hipérbole sarcástica pré-existente na língua, « inventou a pólvora ») ; o supracitado *til no i, pingo no a* ; e *de cúpula a fundo*, maneira menos banal de dizer « de alto a baixo », em metonímias substituindo o abstrato pelo concreto, transformando o clichê francês « *de fond en comble* » mediante hábeis deslocamentos (trocando de lugar os dois substantivos e traduzindo *comble* = cúpula) em inédita expressão portuguesa.

### **A incompatibilidade**

Merecem exame à parte, porque fundadoras do enredo, as metáforas da incompatibilidade, erigidas em oxímoro : todas aquelas que põem lado a lado – melhor dizendo, frente a frente, porque a postura é de confronto – Quim e Rita, rio e ponte, chão e cadeira, til e i, pingo e a.

Quanto ao significante, tudo deriva de Quim chim, já determinado desde as primeiras linhas do conto por todos os *ii* de seu ser de « mínima mímica ». O conto constrói uma relação de oposição que se vai reiterando em todos os níveis – imagens, metáforas, oxímoros –, até chegar ao fonêmico : i/o. Tudo converge para investir Quim na vogal/i/ de seu nome e Rita Rola do mesmo modo na vogal/o/. Isto já se encontra na frase, à maneira de ditado ou provérbio, « O mundo do rio não é o mundo da ponte ». Avança pelo resultado provisório do olhar apaixonado de Quim, forçando-a a refinar-se : « angu grosso em fôrma de pudim ». Reforça-se nas coisas que Quim ensina a Rita Rola : « liqueliques, refinices, piqueniques e jardins ». Ele é o das « esquisitâncias e coisinhiquizas », que após o enlace fica « felizquim ». E aparece manifestamente na cena do casamento. Nessa cena, ele está cercado de *ii* e ela cercada de *oo*. Senão, vejamos :

« O par – o compimpo » : neologismo que conjuga o/i/ e o/o/. *Pimpo* sendo a forma contracta de *pimpão*, papel que ambos conjuntamente estão fazendo naquele momento, sendo *pimpão* (*pimpona*) = fanfarrão, gabola, vaidoso, jactancioso, garrido, janota, engalanado. Há o verbo *pimpar*, sinônimo de *pompear* e *pimponar*, que significa fazer-se de pimpão, exibir pompa, ostentar.

E mais, restringindo cada um a sua vogal exclusiva :

« Ele, aos pimpolins de gato, feliz como um assovio » – onde se pode entender o neologismo como um *mot-valise* que telescopa *pimpo* + *pulinhos*, este último na forma popular brasileira do diminutivo em *-im*.

« Ela, pompososa, ovante feito galinha que pôs » (a notar o jogo de palavras paronomástico em que um dos elementos – ovo – está ausente).

Tudo se passa como se já por ocasião dos esponsais estivesse instaurada a incompatibilidade que levaria à dissolução do casal. E a síntese impossível é formulada toda em *ii* pela própria Rita no fim do conto: « *Tivesse tido um filho.* »

Não contente com ter atingido a minimalidade do fonema, a diferença vai esbarrar em algo menor que o fonema, no sinal gráfico: til e pingo.

Restando como única semelhança entre ambos as conversas de cócoras, postura habitual tanto de sertanejos quanto de chineses. E o fonema *i*, do nome Rita, não se mostrou suficiente para permitir uma mitigação da diferença radical.

### Algo que recebera de Quim

No dissídio entre protagonista e antagonista, absolutamente incompatíveis, há dois momentos de porosidade, em que eles não parecem tão impermeáveis.

No primeiro, exterior, é a visão apaixonada de Quim que metamorfoseia e aformoseia a mulher, « desenhada por seus olhares ». A tal ponto que mesmo os observadores percebem as mudanças:

« A gente achava-a de melhor parecer, senão formosura. Tomava porcelana; terracota, ao menos; ou recortada em fosco marfim, mudada de cúpula a fundo. No que o chino imprimira mágica – vital, à viva vista: ela, um angu grosso em fôrma de pudim ».

No segundo momento, já partido Quim, é facultado ao leitor um relance no âmago de Rita Rola. Este olhar nota uma outra fase de transformações: ela pára de tanto falar (à maneira de Quim, que era calado), « no sóbrio e ciente, e só rir ». Adquire « reflexos de açafão » na pele. Mas o que se nota por fora – inclusive as palmas da mão no peito e o andar em linha reta com passo miúdo – corresponde a uma mudança interior, de algo que recebera de Quim: « ...como gorgulho no grão, grão de fermento, fino de bússola, um mecanismo de consciência ou cócega ».

Trata-se aqui de uma reativação da fórmula da imagem da *coisa dentro da outra*, ou de algo que se internou no sujeito e vai provocar a mudança, base de toda a elaboração imagética do romance *Grande sertão: veredas*. Ainda reforçada pelo elemento ativo contido no « fermento » e pelo redirecionamento centrífugo indicado pela « bússola ».

Bússola interna que não faltava a Quim, um transeunte, que chega, fica e se vai – « vindo, vivido, ido » – como diz o conto logo no primeiro parágrafo, parodiando Júlio César. « Orientação » é o título que explora as virtualidades desse vocábulo e de sua relação com o Oriente. Pois trata de um cidadão do Oriente, da civilização que traz em si, e de seu choque com uma sertaneja. Contrariando a expectativa, não é ele quem se acultura à sociedade inclusiva, mas ela que, bem ou mal, acaba por se aculturar a ele. Desorientada é ela, carecendo de orientação, de rumo (depois da separação, ela pergunta de que banda fica a terra dele e respondem-lhe apontando « o rumo da Extrema-Ásia »), enfim de bússola.

Como se vê, antinacionalista e graciosamente anti-racista, o conto considera que a miscegenação com o elemento alienígena não-branco, isto é, « amarelo », nos melhora.

E assim termina esta fábula de aculturação às avessas.

*13 de outubro de 1999*

**Walnice Nogueira GALVÃO**  
Universidade de São Paulo  
Brésil

*[Les sous-titres sont de la rédaction]*

